



A sustentabilidade com justiça ecológica e econômica na China

Sustainability with Ecological and Economic Justice in China

LAU Kin Chi*

11 de março, 2015

Aniversário da catástrofe de Fukushima

Resumo: Este trabalho examina a sustentabilidade do desenvolvimento econômico na China a partir da Reforma de 1979, abordando questões de justiça socioeconômica e ecológica. Intenta compreender de que maneira o furor pela modernização enreda a China em injustiças socioeconômicas e piora as crises ambientais. Propõe que se adotem perspectivas subalternas e ecológicas para desafiar os discursos e práticas estatistas, elitistas e antropocêntricas acerca da sustentabilidade na China.

Palavras-chave: China. Sustentabilidade. Justiça ecológica. Justiça socioeconômica. Perspectiva subalterna. Comuns.

Abstract: This paper examines the sustainability of China's economic development since the 1979 Reform by interrogating questions of socio-economic justice and ecological justice. It attempts to understand how the craze for Modernization entraps China in socio-economic injustices and aggravating environmental crises. It argues for taking subaltern and ecological perspectives in challenging statist, elitist and anthropocentric discourses and practices in relation to the question of sustainability in China.

Keywords: China. Sustainability. Ecological justice. Socio-economic justice. Subaltern perspective. Common.

Submetido em: 27/10/2016. Revisado em: 17/5/2017. Aceito em: 12/6/2017.

Introdução

O ano de 2015 se iniciou com dois eventos culturais interessantes que podem oferecer um vislumbre da percepção que diferentes setores da população chinesa têm acerca da questão da sustentabilidade na China, isso depois de mais de 35 anos da Reforma lançada por Deng Xiaoping. Nos primeiros dias de janeiro, uma canção de *rock'n roll* intitulada *My Tomatoes are Clean* (Meus tomates estão limpos), composta e cantada por The Peasant Brothers (Os irmãos camponeses), chegou ao topo das listas de popularidade. Em 28 de fevereiro, décimo dia do ano novo chinês (o ano do carneiro), o documentário de Chai Jing, intitulado *Under the Dome* (Sob a redoma) foi passado em sete *websites* chineses; em apenas dois dias foi visto 200 milhões de vezes, ao mesmo tempo que provocava acalorados debates *on line* diversas reações políticas.¹ O que merece análise, à parte dos temas da canção e do documentário, é a

* Professora associada do Departamento de Estudos Culturais da Universidade Lingnan (LU, China). Castle Peak Road, 8, New Territories, Hong Kong, China. Fundadora da Global University for Sustainability. E-mail: <laukc@ln.edu.hk>. Texto traduzido por Dulcineia Pavan e editado por Paulo Ueti e Maria Elaine Andreoti.

¹ *Under the Dome* (穹顶之下) com subtítulos em inglês: <http://www.youtube.com/watch?v=T6X2uw!QGQM>. Lau Kin Chi é professora associada do Departamento de Estudos Culturais da Universidade Lingnan, Hong Kong, China e fundadora da Global University for Sustainability. Texto traduzido por Dulcineia Pavan e editado por Paulo Ueti e Maria Elaine Andreoti.



maneira com que foram recebidos pelo público e o que eles nos dizem sobre a “estrutura dos sentimentos” do tempo (WILLIAMS, 1977). O primeiro tem que ver com a disparidade entre os novos ricos e a gente comum, e entre a população urbana e a rural. O segundo se refere à contaminação ambiental no contexto dos interesses e poderes políticos e institucionais entrelaçados na China.

Este mundo é muito agitado e apressado

Os versos da canção *Meus tomates estão limpos* – os leitores podem clicar para escutar a versão musical² – dizem assim:

*Este mundo está demasiado cheio de pressa e barulho
Tenho um pequeno terreno que semeio com hortaliças
Está longeda Rodovia 107
Livre do escapamento dos carros e da fumaça [tóxica]
Minha casa não está naquela cidade enorme
Não há necessidade de forçar um sorriso para cada quem
Não há necessidade de se virar por fama e dinheiro
Sempre que meus tomates se mantenham limpos*

*Tu sobes aos céus em Bombardier
Meus tomates estão limpos
Aterrizas e dirige uma Ferrari
Meus tomates estão limpos
Levas um Rolex em seu punho
Meus tomates estão limpos
Levas um Hermes na cintura
Meus tomates estão limpos*

*Este mundo está demasiado cheio de pressa e barulho
Tenho um pequeno terreno que semeio com hortaliças
Está longe da Rodovia 107
Livre do escapamento dos carros e da fumaça
Meu lar não está nessa cidade enorme
Não há necessidade de forçar um sorriso para todo mundo
Não há necessidade de se virar por fama e dinheiro
Desde que meus tomates estejam limpos*

*Tu estás vestido com Boucheron
Meus tomates estão limpos
Tu estás coberto com Chanel dos pés à cabeça
Meus tomates estão limpos
Tu te hospedaste esta noite em Burj Al Arab
Meus tomates estão limpos
Tu festejas e festejas e brindas com Martell*

² My Tomatoes are Clean (我的番茄是干净的), <http://mp3.9ku.com/mp3/654/653116.mp3>.

Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos

Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos

Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos

Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos

Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos
Meus tomates estão limpos

A estrofe *Meus tomates estão limpos* se repete 26 vezes em toda a canção. Aparentemente como reafirmação do orgulho e da vontade do camponês. O entorno rural com tomates que crescem num pequeno lote se contrasta como estilo de vida luxuoso dos novos ricos. Não é raro que se componham canções acerca da romântica serenidade do campo, porém, o que resulta interessante é que esta canção se tenha tornado popular privilegiando a vida rústica e simples em comparação como apuro e o barulho da cidade “moderna”. É difícil imaginar que quantidades massivas de camponeses tenham compartilhado esta emoção há uma década, porém, parece que, de alguma maneira, a maré está mudando. Desde os princípios da década de 1980, milhões de trabalhadores migrantes camponeses têm se concentrado nas cidades e nas regiões costeiras buscando trabalho, e deslocando os operários urbanos sindicalizados que gozavam de alto *status* social e seguridade social, até o advento da Reforma (FENG, 2003). Estes últimos trabalhadores têm sido levados ao desemprego pela imposição de falência a um grande número de empresas de propriedade do Estado, no final dos anos 1980 e durante os anos 1990.

Como êxodo às cidades, a população rural da China baixou de 89.36% em 1949 para menos de 80% em 1980; menos de 70% em 1997; menos de 60% em 2003 e menos de 50% em 2011; alcançando 46.3% em 2013.³ No final de 2014, a população de trabalhadores camponeses migrantes totalizava 274 milhões.⁴ Portanto, quando a canção expressa o desejo de abandonar as cidades, articula a frustração e o desencanto com um sonho de ascenso que por um tempo compartilharam dezenas de milhões de famílias camponesas. Certamente, a vida nas cidades

³ Departamento Nacional de Estatística da R. Popular China, 7 julho 2014.

⁴ Guangming Daily, 1 março, 2015.

segue sendo insustentável para trabalhadores camponeses migrantes. Não somente enfrentam o problema de salários baixos/diminuído⁵, segurança social mínima e condições de trabalho ásperas e perigosas⁶, como também existe a preocupação adicional de que os filhos e filhas de trabalhadores/as migrantes não tenham acesso à educação regular nas cidades.⁷ Portanto, se produziu um decréscimo no êxodo às cidades, a ponto que se verificam certas queixas de parte de fábricas no sul do país sobre a dificuldade de recrutar trabalhadores.⁸ Se existe falta de progresso material e sentido de bem-estar por parte deste importante setor da população que contribuiu com a economia física da China ao longo das últimas três décadas, a sustentabilidade deste modo de desenvolvimento econômico é questionável.

Tu festejase festejase brindas com Martell

Ao privilegiar os tomates limpos, a canção satiriza os novos ricos. O sentimento que se expressa não é de inveja ou rivalidade, senão de despedida: vão vocês por seu caminho, eu irei pelo meu. Como se ambos os grupos estivessem desconectados um do outro. Entretanto, o crescimento sob a Reforma de Deng Xiaoping tem sido impulsionado em grande medida pela ideologia do dinheiro, da voracidade e do individualismo, e parece que a lei de ferro da selva tem exercido sua supremacia: o ganhador é aquele que reúne dinheiro, sem importar os meios empenhados para alcançá-lo; o perdedor é o que não tem dinheiro. Mas, não há vinculação entre ganhador e perdedor? Em 1978, se lançou a Reforma na China com a promessa de que não se ia praticar o capitalismo explorador, já que ainda estava ingressando em uma fase preliminar de socialismo; o timoneiro, Deng Xiaoping, se comprometeu com a ideia de que deveria se permitir a uma pequena minoria, que se enriqueceu primeiro, que conduzissem depois os demais a se enriquecerem. Devia ser somente uma questão de tempo; tarde ou cedo, todos seriam ricos e teriam uma fatia do bolo.

⁵ A mão de obra barata constituiu um atrativo para o capital estrangeiro que inundou a China na década de 1980. Ao longo dos anos, com o incremento do poder de negociação dos jovens trabalhadores migrantes que reclamavam melhores remunerações, esta chamada “vantagem comparativa” que disfrutaram as empresas na China foi dando lugar a mão de obra ainda mais barata nos países vizinhos, como Vietnã e Bangladesh. Não obstante, para os trabalhadores chineses, os salários seguem sendo exíguos por causa da inflação e dos altos custos de vida nas cidades.

⁶ Em 2010, o suicídio de 14 trabalhadores da fábrica Foxconn, na zona econômica especial de Shenzhen chamou a atenção do público sobre as condições de vida dos mesmos. Foxconn fornece emprego a mais de um milhão de trabalhadores em toda China. Seu pico de produção em um só dia pode ser de 140.000 unidades de iPhone 6 Plus, e 400.000 unidades de iPhone 6, junto com outros produtos (Hong Kong Economic Times, 18 setembro, 2014). Imagine como suas fábricas, como a de Shenzhen, por exemplo, são administradas com disciplina militar, quando 300.000 trabalhadores se formam para entrar cada dia, realizam suas tarefas diárias na sua estação de trabalho, e são revistados minuciosamente quando se retiram para prevenir roubos. A agressão que acontece não é somente sobre seus corpos, como por exemplo, a limitação de um tempo fixo para ir ao banheiro, mas também sobre seu sentido de dignidade.

⁷ Sem permissão de residência urbana, os trabalhadores migrantes têm que pagar somas exorbitantes para enviar seus filhos à escola nas cidades, e ainda assim, muitas das escolas habilitadas para filhos de trabalhadores migrantes não têm certificação oficial. Em 2013, nas 136 escolas para filhos de migrantes em Beijing, 73 não tinham licença, e mais de 50.000 crianças não puderam ser inscritas oficialmente, tendo que regressar a seus povos de origem para receber educação (Diário dos Trabalhadores, 28 novembro, 2013).

⁸ A situação se tornou grave em 2009, quando nas regiões sulistas e costeiras, que absorvem uma terça parte dos trabalhadores camponeses migrantes, a razão trabalhador x posto de trabalho variou de 1:1.14 a 1:1.51. Isto foi, em parte, consequência da quebra de muitas empresas pequenas e médias em 2008, o que provocou que os trabalhadores migrantes regressassem a seus lares e logo se mostrassem relutantes a regressar às cidades para buscar trabalho. Disponível em: <<http://baike.baidu.com/link?url=Gbzjy3wilyGKugoPHGvOQIRoMc29fayLMPOEkY13jPVq4vNOtrgHXFb0MazWIFL8TuxdjtJg7poLtxo9MRVKSK>>.

O resultado da Reforma está à vista: o bolo se tornou muito grande. Há conquistas inegáveis; por exemplo, a pobreza extrema foi reduzida. A China se orgulha de ser um dos poucos países do mundo a alcançar o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio (ODM) no referente ao combate à pobreza. Estatisticamente, a meta de 2015 de reduzir a pobreza extrema (medida em 1990) à metade já se havia alcançado em 2009: de 85 milhões de pessoas para 35.97 milhões. Entretanto, o fato é que 3.6% da população chinesa seguia vivendo na pobreza extrema em 2009; em 2010 as pessoas chinesas na pobreza extrema representavam 12.8% da pobreza extrema mundial.⁹ A China poderia ou deveria ter feito melhor? Seu crescimento econômico espetacular tem sido aplaudido: crescimento anual do PIB *per capita* continuamente acima de 7.6% desde 1991;¹⁰ a China tem a segunda maior economia do mundo desde 2010; em 2014, seu PIB total foi de 10 bilhões de dólares estadunidenses, suas reservas em divisas estrangeiras equivalem a 3.843 bilhões de dólares, e o valor total de suas importações e exportações era de 4.3 bilhões de dólares estadunidenses.¹¹ Estas são as estatísticas que cimentam a afirmação de que a China é hoje uma economia global relevante. Pode-se felicitá-la por seu desempenho como boa estudante de um país em vias de desenvolvimento que segue o paradigma capitalista, e modelo para as economias menos desenvolvidas. Até se experimenta uma euforia na China a partir do termo “Chimérica”, que alimenta a vaidade de muitos.

Mas, um momento! O termo “economia sustentável” pode significar uma série de diferentes coisas para diferentes interesses. Para o Estado Chinês ou para os principais meios globais de comunicação, a primeira referencia é o crescimento do PIB da China. O termo “sustentabilidade” é usado para referir-se ao crescimento sustentável, que é, a contínua expansão da economia usando a lógica capitalista – mais produção, mais empregos, mais consumo, mais capacidade de compra, e mais monetarização de todos os meios de vida. Com tal posição realmente não importa quem se beneficia ou quem sofre nesse paradigma de crescimento sustentável, e por quanto tempo esse crescimento pode ser sustentado.

Como diz a canção, “tu” é só que dirige uma Ferrari e usa um Rolex jogando dinheiro fora como se isto fosse lixo. “Tu” podes ir fazer compras em Paris ou Dubai, e centenas de marcas de luxo têm aberto sucursais na China para comodidade de “tuas” compras. Estes têm sido, certamente, bons tempos para os novos ricos. Em 2015, dos 1.826 bilionários que aparecem na lista de ricos da Forbes, 213 eram da China continental e quatro deles estavam entre os 50 mais ricos do mundo.¹² Ao mesmo tempo, o coeficiente Gini (que mede desigualdade de renda, em que zero é a perfeita igualdade e um, a perfeita desigualdade) estava em 0.469.¹³ A pergunta é simples e ingênua: Há alguma relação entre os extremadamente ricos e as massas de pobres?

⁹ Relatório sobre as Metas de Desenvolvimento do Milênio 2014, p.9. Em comparação com a maioria dos países que não puderam alcançar as MDM, a China constitui uma história de sucesso. Entretanto, não deveria que ver isto como um “êxito” da China, mas como o fracasso abissal do capitalismo global na maioria dos países em vias de desenvolvimento atualmente.

¹⁰ Segundo informe do Banco Mundial, o PIB da China registrou crescimento de dois dígitos em 16 dos 34 anos medidos entre 1980 e 2014. A taxa de crescimento não baixou de 7.6, exceto em 1981, 1989 e 1990. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>>

¹¹ Departamento Nacional de Estatística da República Popular China, 20 janeiro de 2015.

¹² Disponível em: <<http://www.forbes.com/china-billionaires/>>.

¹³ Departamento Nacional de Estatística da R. Popular China, 20 janeiro de 2015. Entretanto, segundo um informe acadêmico da Universidade de Pequim em 2014, o coeficiente Gini para rendimento familiar na China foi de 0.73 em 2013. Veja: <<http://english.caixin.com/2014-08-04/100712733.html>>.

O capitalismo “clássico” é a acumulação de capital e riqueza no Norte por meio do genocídio e rapina coloniais. Qual é a natureza do desenvolvimento capitalista na China? Ninguém pode crer, de boa fé, que a riqueza da minoria da elite tenha sido acumulada por meio da competência individual ou de uma incrível e boa sorte.

A partir de 1949, a riqueza da nação tem sido acumulada por meio de contribuições forçadas da população inteira, canalizadas para as indústrias sob a forma de propriedade coletiva ou estatal. Um estudo sugere que a contribuição dos camponeses na construção da nação nos primeiros 60 anos da República Popular China (RPC) foi ao redor de 17.3 trilhões de yuans (equivalentes a cerca de 2.8 trilhões de dólares estadunidenses), tornada possível por políticas como o sistema *price-scissors*[corte de preços] para produtos agrícolas e não agrícolas, mobilização de forças de trabalho de baixo custo, e aquisição de terras (Kong e He, 2009). Isto é o que se encontra por trás do “milagre” da industrialização chinesa no lapso de três décadas.¹⁴ Com a Reforma, desde finais da década de 1980, a reestruturação institucional tem legitimado privatizações massivas de empresas e ativos de propriedade do Estado e de tipo coletivo, enquanto que a riqueza comum/pública tem sido canalizada para uma minoria da elite por meio do poder monopolizado e da corrupção.¹⁵

Isto quer dizer que a elite minoritária, contrariamente à formulação de Deng Xiaoping, tem se beneficiado com a reestruturação decretada pela Reforma por meio da expropriação da riqueza da maioria. Cerca de um por cento (1%) dos mais abastados da população possui 33% da riqueza, e os 25% dos que estão na linha da pobreza possuem 10% da riqueza (Xie e Zhou 2014), contexto em que estes últimos sofrem um prejuízo adicional como “crescimento” sustentável. Quando Deng Xiaoping formulou a teoria de que “tarde ou cedo seremos todos ricos” não parece haver lido Bertold Brecht:

*A totalidade
deste sistema é um sobe e desce de duas pontas
que dependem uma da outra.
Aqueles que estão acima
estão porque os outros estão abaixo.
E permanecerão acima somente enquanto os outros
permanecem abaixo.
Já não estariam acima
se os outros, deixando sua posição, subissem.*

¹⁴ Do meu ponto de vista, a Revolução Cultural tem sido demasiadamente analisada em termos da luta pelo poder entre diferentes facções do Partido, e pouco entendida como a institucionalização da extorsão de uma mais-valia laboral por parte do Estado, para destiná-la à industrialização. O trabalho de cada indivíduo, camponês ou trabalhador, esteve sujeito ao controle e apropriação do Estado. Pela primeira vez, a norma milenar de governança dos povos mudou radicalmente. No passado, o poder imperial podia exercer-se somente até o nível de condado, e a maior parte da população e da economia rurais eram deixadas a seu próprio arbítrio, a menos que houvesse guerra ou um grande auge no índice de crimes. Mao Zedong tentou exercer um controle amplo ao impor o modelo das comunas populares durante o Grande Salto Adiante, em 1958, mas encontrou a resistência passiva dos camponeses. O modelo foi adiado durante alguns anos, porém, este tipo de controle e apropriação estritos por parte do Estado voltou a se impor amplamente depois que Mao retomou o poder, através das lutas políticas de 1966-1968.

¹⁵ Segundo um informe da Academia Chinesa de Ciências Sociais, entre 1990 e 2011, um total de 18.000 funcionários corruptos fugiram da China, levando 800 bilhões de yuans (235 bilhões de dólares norte-americanos). China Daily, 31 de dezembro, 2014.

E assim é que aqueles que estão acima, inevitavelmente, querem que os de baixo fiquem ali por toda a eternidade e que não subam nunca.

E de todas as maneiras, tem que haver mais gente abaixo que acima para manter o sobe e desce na posição.

Porque assim são os sobe e desce (BRECHT, 1931)

Os de baixo estarão dispostos a ficarem ali por toda a eternidade? Quando estava tendo lugar este processo de apropriação da riqueza comum/pública por parte dos interesses privados, não houve nenhuma objeção ou resistência das classes trabalhadoras? Wang Hui argumenta que sim, houve resistência, e que houve uma vinculação entre a repressão da resistência popular nos anos 1980 que culminou com o movimento de 1989, e o triunfo do neoliberalismo na China, a partir da década de 1990, da mesma maneira que o neoliberalismo havia sido imposto ao resto do mundo durante os anos 1980. Wen Tiejun (2008) analisa o surgimento de um novo proletariado composto por trabalhadores camponeses migrantes que amadureceram ao largo dos anos como força coletiva que luta por seus direitos econômicos e sociais. Wang Hui (2014) também discute o conceito de classe, política de classe, e a formação de classes no contexto do fracasso dos Estados de trabalhadores modernos e a decadência das políticas de classe.

Portanto, desde o ponto de vista da maioria da população trabalhadora–camponeses, trabalhadores migrantes, e trabalhadores materiais e não materiais–a sustentabilidade econômica significa muito mais que vender trabalho assalariado no período imediato; pelo menos, significa ganhar o sustento de maneira aceitável, com renda sustentável, seguridade social e moradia que tenha acesso às necessidades básicas: água limpa, ar limpo e comida confiável.

Mas, o setor laboral chinês se acha numa posição precária, dado que o modelo fabril de desenvolvimento econômico é orientado para as exportações e, portanto, é susceptível externamente aos vai vêm da economia global e, internamente, depende mais da exploração e da expropriação do que do progresso e da justiça social.

Mais ainda, o fato de que a China tenha progredido a uma fase em que o capitalismo financeiro domina a economia torna-se preocupante. Da mesma forma que as oportunidades e crises que o capitalismo financeiro global engendra, a economia chinesa é susceptível às vulnerabilidades do capitalismo de cassino, ainda que de modos diferentes, devido a políticas de Estado que são, em geral, favoráveis ao capital, porém especificamente diferenciadas, devido aos conflitos entre os diferentes interesses criados.¹⁶ Segundo o informe correspondente a 2015, do McKinsey Global Institute, a dívida total chinesa se quadruplicou a partir de 2007, do equivalente de 7 bilhões de dólares estadunidenses para 28 bilhões em meados de 2014. A dívida chinesa, como uma parcelado PIB foi a um alarmante 282%; a metade dos empréstimos estavam vinculados, de maneira direta ou indireta, ao mercado

¹⁶ Sou codiretora de um projeto de pesquisa que compara a China com outros seis países emergentes, e depois de publicada a primeira fase dos informes sobre os sete países, em 2011-2012, se está realizando a segunda fase, com uma análise crítica da experiência dos sete países, que se leva a cabo entre 2013 e 2015. Veja-se: <<http://www.emergingcountries.org/pdf/China%20Historical%20Review.pdf>>. para a revisão histórica da China durante a primeira fase. O texto deste trabalho em inglês estará pronto em 2016.

chinês de bens de raiz, quase a metade dos novos empréstimos correspondiam a operações bancárias “à sombra” (*shadow banking*), não reguladas, e a dívida de muitos governos locais era provavelmente insustentável.¹⁷

Resulta, portanto preocupante que, enquanto o cantor camponês opta por se desvincular de toda a voracidade, luxúria, sujeira e vileza do mundo cosmopolita, e aspira somente a cultivar tomates limpos, seu mundo não é imune à agressão do capitalismo financeiro, sobretudo, daquele que potencialmente possa ser transformado em ouro reluzente. Durante mais de três décadas, o trabalho dos camponeses migrantes tem sido explorado. Com a morte eminente do setor manufatureiro e sendo mínimos os benefícios a partir da exploração do trabalho físico, o capital financeiro – especulativo por natureza – tem florescido na última década no desenvolvimento de propriedades urbanas, e temem mira o último bastião dos benefícios populares, a partir da revolução de 1949: as terras rurais. A terra rural, com certas diferenças entre os lotes residenciais e as terras de cultivo, começa gradualmente a abrir-se à “circulação” (um eufemismo que significa “transação”). Em 2008, uma política pública legitimou formalmente o direito de circulação e operação da terra rural.¹⁸ Em 2014, outro documento oficial permitiu a hipoteca dos lotes residenciais rurais.¹⁹ Mudanças de política tão importantes terão impactos sérios nos direitos sobre, e no, acesso dos camponeses chineses à terra. Até agora, o direito de usar a terra tem estado sob a soberania da comunidade dos assentamentos rurais. Os trabalhadores camponeses migrantes, explorados pela privatização legal e pelo capitalismo, fartos de falsas promessas sobre a ajuda solidária dos novos ricos àqueles que ficaram abaixo, talvez queiram regressar à modalidade de subsistência de seus pais e avós. Porém, terão ainda direito a um pequeno lote no qual cultivar tomates limpos?

Tenho um pequeno lote para cultivar hortaliças

Os que regressarem, se certamente rechaçar em as tentações e oportunidades que o entorno urbano oferece e tomarem a decisão de regressar ao campo, terão que enfrentar não somente o assunto do acesso a terras de cultivo, senão, também, uma questão maior que espreita a sustentabilidade na China: se, literalmente, os tomates poderão estar limpos de contaminação (ademais de ser metaforicamente limpos de corrupção).

Já forma parte do senso comum que a modalidade de desenvolvimento da economia chinesa nas últimas três décadas não pode sustentar-se uma vez que se tomem em conta os fatores ambientais. É bem conhecido que a China funciona como depósito de lixo eletrônico (apresentado retoricamente como “indústria de reciclagem”) proveniente do Norte; que a

¹⁷ Shadow banking se refere a empréstimo e outras atividades financeiras conduzidas por instituições não regulamentadas e sob condições não regulamentadas. McKinsey Global Institute: Debt and (not much) Deleveraging, Third report, fevereiro 2015, p. 8. Disponível em: <http://www.mckinsey.com/insights/economic_studies/debt_and_not_much_deleveraging>.

¹⁸ Decisão do Comité Central do PCCh sobre Questões Principais Vinculadas com a Promoção da Reforma do Desenvolvimento Rural, 2008.

¹⁹ “Opiniões sobre o Aprofundamento Amplo da Reforma para Acelerar a Modernização Agrícola”, n. 1, Documento de 2014. A produção autossuficiente de grãos na China tem sido historicamente mantida; entretanto com o avanço da mercantilização e comodificação na área rural chinesa, especialmente com a Revolução Verde aplicando fertilizantes químicos e pesticidas em larga escala, e com as rodovias pavimentadas dando acesso a todas as pequenas comunidades em nome do Novo Socialismo do Interior, a área rural na China está agora primeiramente, aberta para transferência privada do uso da área, e segundo, para o capital financeiro. Estes são as duas maiores ameaças para a área rural nesta década.

China é o maior emissor de dióxido de carbono em termos de volume (atribuem a culpa mais aos produtores que aos consumidores); ou que o custo dos artigos manufaturados baratos que inundam o mundo (subsidiando a população mundial de baixa renda com artigos de primeira necessidade a baixo custo) é tão reduzido devido à mão de obra barata e a partir de uma contaminação ambiental descontrolada.

Quando a “modernização” a todo custo foi justificada pelo famoso lema de Deng Xiaoping no sentido de que “o desenvolvimento é a irredutível verdade”, os custos ou externalidades de tal paradigma de desenvolvimento não eram imprevisíveis.

É importante entender de que maneira os encarregados de formular políticas ou o público em geral não eram ignorantes dos riscos ambientais que acarreta semelhante paradigma de desenvolvimento, mas não se produz nenhum esforço radical por reverter ou descartar semelhante paradigma. Não podemos simplesmente rechaçar esta posição como estupidez ou loucura, por mais que não existam outras palavras para qualificar este padecimento coletivo.

A produção autossuficiente de grãos na China tem sido mantida historicamente; entretanto, como embate da mercadização e da mercantilização na China rural, especialmente com a aplicação profusa de fertilizantes e pesticidas químicos trazidos pela revolução verde, e com a pavimentação de caminhos de acesso a todos os povoados em nome do Novo Campo Socialista, o rural neste país tem sido aberto, em primeiro lugar, às transferências privadas do uso do solo rural, e segundo, ao capital financeiro, que são as duas ameaças principais à vida rural nesta década.

O famoso escritor chinês Lu Xun usa a metáfora de um grupo de gente encerrada em uma casa vedada com ferro, dormindo até a inconsciência e negando-se a ser despertados, salvo uma pessoa que consegue escapar, alertando o que se passa aos gritos, porém, sem nenhum êxito. Portanto, é necessário formular a pergunta com toda seriedade: como é que os problemas ecológicos se apresentam de novo e novamente, sempre com mais gravidade, de tal maneira que qualquer deles possa transformar-se em catástrofe maior, sem que se tome nenhuma medida preventiva? Creio que temos que examinar a gravidade dos problemas ecológicos, entender a conectividade entre eles e, muito importante, compreender a maneira com que os problemas são percebidos e a lógica que impulsiona seus raciocínios, tanto da parte dos encarregados de formular políticas, quanto do público em geral, posto que se acaba relegando-os como se tivessem significação secundária.

Por exemplo, o seguinte “raciocínio” gozou de grande aceitação na China: temos que ser utilitários e pragmáticos, devemos optar entre morrer de fome hoje (necessidades econômicas) ou ser envenenados na semana seguinte (preocupações ambientais), e é óbvio que a primeira opção é prioritária; há que enriquecer-se primeiro, fortalecer-se, e então, os problemas podem ser resolvidos mediante o dinheiro e o poder nacional. Os problemas constituem, assim, “cotas” que a China deve pagar por seu desenvolvimento modelado segundo os países avançados, e que as potências econômicas, como o Reino Unido e os Estados Unidos da América também tiveram que enfrentar em sua fase de industrialização. A ciência e a tecnologia, de alguma maneira, poderão resolver os problemas e temos fé em que, por mais que as soluções não possam ser vislumbradas hoje, se encontrará uma solução

amanhã. Quanto à elite minoritária, e inclusive, a classe média alta, se a China se torna inabitável, pelo menos, fica-lhes uma alternativa: emigrar.

A perspectiva da classe média é a dominante nos discursos em torno dos problemas ecológicos chineses. Se estima que esta classe média, em sua maior parte profissionais e pequenos empresários, representam cerca de 20% da população. Alguns deles podem ter se aproveitado do *boom* da propriedade, a maioria se beneficiou com o crescimento econômico e as boas rendas, são proprietários de sua moradia e de um automóvel, e desfrutam de um estilo de vida que inclui viagens ao estrangeiro e comidas em restaurantes.

Eles são os que estão começando a aceitar noções de uma vida mais descansada, alimentos orgânicos e estilos de vida saudáveis, e se mostram particularmente preocupados por temas que afetam diretamente sua saúde. Eles são os mais receptivos às propostas do documentário de Chai Jing intitulado: *Under the Dome - Sob a redoma*.

Este documentário se transformou em um evento cultural e político transcendente. Tendo recebido 200 milhões de visitas na rede, quer dizer, que um em cada três dos 637 milhões de cidadãos da internet, na China, viu o documentário nas primeiras 48 horas de sua aparição. Um autêntico tsunami passou pela internet na China, com a formação de dramáticos grupos pró ou contra; os debates e as controvérsias inundaram os *blogs* e os *wechat*, junto com declarações de companhias petrolíferas monopólicas, cientistas e ONGs, mesclando-se com os esforços por parte das autoridades de propaganda governamentais, que faziam o possível para conter estas discussões nos meios de comunicação controlados pelo Estado.

O evento cultural e político de: *Under the Dome - Sob a redoma* tem gerado suficientes materiais como para escrever uma dezena de teses de doutorado. Não me deterei em discussões acerca de que tão objetivamente exatas sejam as informações que estão contidas neste documentário, nem quais poderiam ser os motivos ou conspirações que impulsionaram sua produção e seu financiamento. A pergunta interessante para mim é: de que maneira esta versão chinesa de verdade incômoda (*inconvenient truth*, de Davis Guggenheim, 2006)²⁰ ilumina as convicções da classe média, ademais das limitações de sua perspectiva e formulação de alternativas.

Chai Jing não é a primeira que produz informes de investigação sobre temas ambientais na China, por mais que ela tenha protagonizado o evento midiático mais espetacular até este momento. O problema da contaminação do ar tem estado, aos olhos do público, desde bastante tempo, à medida que as pessoas experimentam o grau de invisibilidade causado pela fumaça tóxica (*smog*) em sua vida cotidiana.²¹ Essa fumaça é atribuída habitualmente às

²⁰ O documentário se baseia na gravação de uma conferência de 103 minutos feita por Chai Jing durante a qual relata sua experiência como mãe preocupada pela saúde de seu bebê, no que se refere à contaminação por PM2.5, com fragmentos de suas entrevistas jornalísticas com especialistas e funcionários, tanto da China como do Norte, e a apresentação de gráficos e animações que explicam a gravidade do tema, com recomendações para ações futuras.

²¹ A contaminação atmosférica (fumaça) é provocada, segundo a percepção do público, pelas emissões industriais e dos automóveis. Entre 1970 e 2010, o consumo de energia na China se incrementou mais de cem vezes. Entre 2000 e 2013, a produção anual de automóveis aumentou de 2.07 milhões para 22.12 milhões, e as vendas cresceram de 2.09 milhões para 21.98 milhões. A China passou os EUA como o primeiro mercado

partículas em suspensão de menos de 2.5 microns (indicador de contaminação urbana PM_{2.5}) (ainda que a realidade seja mais complicada), de modo que se emitem informes constantes sobre os níveis de PM_{2.5} nas cidades principais da China, às vezes, incluídos nos informes sobre o clima, de maneira similar a como os níveis de decontaminação com césio 134 e césio 137, em diferentes alimentos, são reportados diariamente nos periódicos de Fukushima depois da catástrofe produzida ali, na empresa nuclear, em 2011. Embora tenha levantado o tema da fumaça tóxica, que certamente necessita ser urgentemente solucionado,²² a interpretação de Chai Jing sobre a causa do problema e suas recomendações de solução, estão tipicamente orientadas para a classe média (é compreensível que haja autocensurado alguns pontos de vista para evitar a censura do governo). Sua proposta de que as companhias siderúrgicas contaminantes deveriam ser fechadas, o mesmo com as minas no Reino Unido, foi recebida com protestos por parte de trabalhadores, os quais tinham razões em temer por seus postos de trabalho. Sua proposição de desmembrar os monopólios da Corporação Petroleira Nacional Chinesa e da Corporação Petroquímica Chinesa mediante a introdução da concorrência de mercado que, segundo ela, racionalizará o controle da contaminação, provoca ataques dos grupos de interesse monopólicos; estes ataques ao mesmo tempo a transformam em heroína diante da opinião pública como lutadora contra os referidos monopólios. Entretanto, o desafio dos monopólios corporativos não põe em dúvida a lógica do mercado, da modernização, nem do capitalismo. Ela recomenda que as pessoas apresentem queixas contra a contaminação, porém, não faz nenhum chamamento urgente para alguma mudança nos estilos de vida centrados no consumo nem faz propostas de ação comunitária. Todas as práticas exemplares que citam os EUA, Reino Unido e Japão.

Este enfoque liberal e humanista é característico da corrente principal de pensamento do discurso da sociedade civil na China.²³ Se produziu um auge de ONGs ambientais no país ao largo das últimas duas décadas, em parte porque não foram vistas como ameaças políticas demasiado graves, por parte das autoridades, e em parte também porque faziam eco à agenda liberal da parte dominante da classe média.²⁴ Ao dizer isto, não pretendo subestimar o impacto de *Under the Dome - Sob a redoma*, que tem servido para por em relevo os temas ambientais no discurso público. Tão pouco pretendo menosprezar o trabalho de milhares de ONGs ambientais com atividades na China. Entretanto, o exame de suas limitações nos ajuda a explorar alternativas radicais e efetivas desde a perspectiva das classes subalternas para que nossos irmãos camponeses que cultivam tomates também possam ser beneficiários. Do contrário, seguiríamos presenciando fenômenos como o seguinte: o primeiro dia útil depois

de automóvel no mundo. Sina Finance, 17 de agosto, 2012. Disponível em: <<http://finance.sina.com.cn/world/20120817/232812884019.shtml>>.

²² O informe mundial sobre câncer 2014, da Organização Mundial da Saúde, mostrou que a China, com 19% da população mundial, é responsável por um terço das mortes globais por câncer de pulmão. A taxa de mortalidade por câncer pulmonar na China cresceu dez vezes, de 5.46 por 100.000 pessoas há 40 anos, para 45.57/100.000 em 2013. ScienceNet.cn, 18 de março 2013.

²³ Em novembro de 2008, um escritório de advocacia de Beijing apresentou uma queixa contra o governo em nome de 1.773 proprietários de automóveis pela implantação de um imposto aos combustíveis, argumentando que o seu preço era muito menor nos EUA; os proprietários de automóveis foram caracterizados, em alguns meios de comunicação, como “a sociedade civil” e ativistas dos direitos humanos, que defendiam o interesse público contra as perdas companhias petroleiras de propriedade do Estado. China Daily, 26 novembro, 2008.

²⁴ Segundo o Informe Anual 2013 da Federação Chinesa de Proteção Ambiental, em fins de 2012, havia no país 7.881 organizações ambientalistas, que representavam um incremento de 38.8% entre 2007 e 2012. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/local/2013-12/05/c_118433538.htm>.

que *Under the Dome - Sob a redoma* recebeu 200 milhões de visitas na internet, as ações relacionadas com o meio ambiente subiram rapidamente no mercado de valores; os mercados para alimentos orgânicos estão se expandindo com presteza, tanto por preocupações do público pela segurança de seus alimentos, quanto por opções de estilo de vida na classe média urbana, e o consumismo se expande mais do que se contrai; as políticas de Estado regulamentam o reflorestamento em algumas regiões estratégicas, como aquelas em que se encontram as fontes de água de Beijing mas, ao mesmo tempo, megaindústrias químicas e extrativas estão contaminando os recursos hídricos no interior da Mongólia e outras regiões do interior.

Sem dúvida, a degradação ambiental está relacionada com algo mais do que simplesmente esta rota para o desenvolvimento. Creio que a indagação tem que ir mais longe para poder entender esta obsessão pela modernização, que não só domina os objetivos das autoridades governamentais, mas também satura o sentido comum em geral, ao extremo de que os problemas, por mais que se apresentam, já não são reconhecidos como tais. Da mesma forma que os subalternos que não podem falar, quer dizer, falam, mas não são escutados (SPIVAK, 1988; LAU; HUI, 2005), a natureza não pode gritar, quer dizer, grita, mas ninguém parece estar escutando.

Até que meus tomates estejam limpos...

Tomarei um exemplo: a água

A água é fonte de vida. Isso todo mundo entende. Em todos os livros para crianças e textos escolares está presente esta simples sabedoria. Também é bem sabido que, na China, o acesso de água potável *per capita* é de apenas 25% da média mundial. A partir de princípios da década de 1980, a descentralização de indústrias e empresas mineradoras, para que fossem administradas por empresas locais de cidades e povoados (ECPs), foi vista, durante alguns anos, como um impulso ao desenvolvimento do setor manufatureiro chinês uma oportunidade real para que as regiões rurais se “desenvolvessem”. Esta foi a razão pela qual, a partir de meados dos anos 1980, a renda *per capita* se incrementou em muitas zonas rurais. Entretanto, as indústrias rurais não somente exploram a mão de obra local, mas também os recursos hídricos e, como consequência, a terra também está se contaminando. À parte da contaminação industrial, que é a primeira fonte de deteriorização, a descarga de drenagem urbanas em tratamento e o uso excessivo de pesticidas e fertilizantes químicos se constituem na segunda e terceira causa de contaminação da água.

A qualidade dos recursos hídricos se tem deteriorado rapidamente a partir de princípios dos anos 1980, e a meados da década de 1990 a situação era tão grave que o Estado se viu obrigado a intervir.

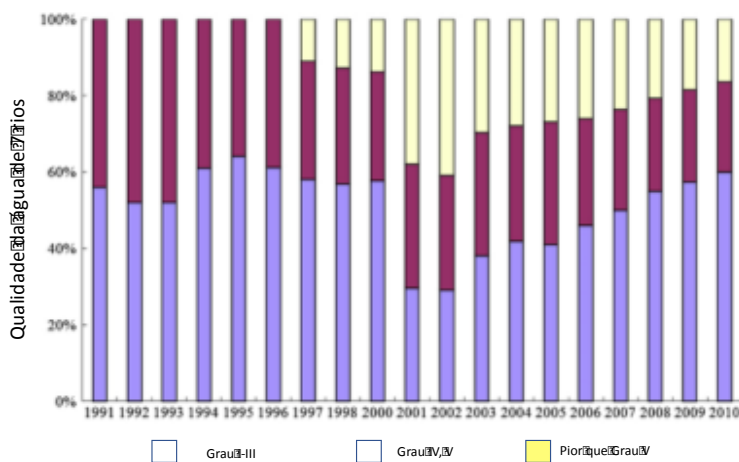


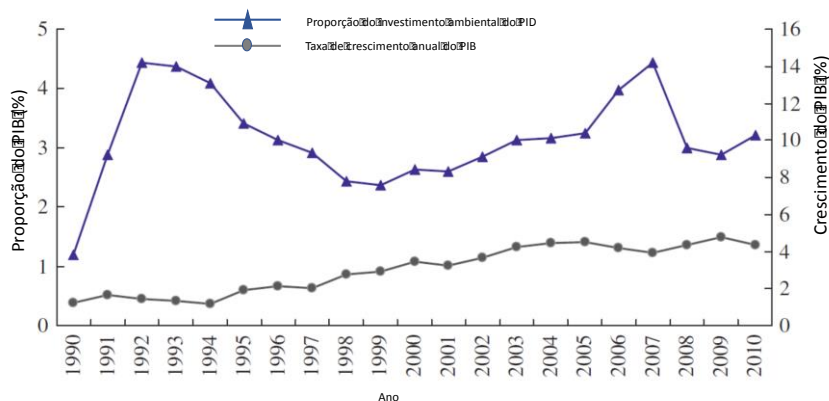
Figura 1. Qualidade da água de sete rios (Yangtsé, Amarillo, Perla, Songhua, Huaihe, Haihe e Liaohe) na China entre 1991 e 2010

Fontes: Informe MEP sobre o estado do meio ambiente na China, 1991-2010 (HE, LU et al., 2012, p. 26);

Nota: Segundo os Padrões de Qualidade Ambiental para Águas Superficiais (GB3838-2002) na China, a função das águas superficiais se classifica em cinco graus, como a seguir. Há cinco graus de valor padrão que combina com a área funcional da água superficial. O grau I representa a melhor qualidade, enquanto que o grau V representa a pior qualidade da água.

A figura 1 mostra de que maneira a qualidade da água chegou a um nível alarmantemente baixo em 2001-2002, quando 40% da água dos sete maiores rios da China era de pior qualidade que o grau V. Apesar dos esforços governamentais por melhorar a situação, esta só melhorou gradualmente. Em 2010, ainda 20% das águas eram de qualidade pior que o grau V. A tabela 1, que segue, mostra a proporção do PIB representada pela inversão no controle de contaminação para o período 1990-2010.

Figura 2. Crescimento do PIB chinês e proporção de inversão em controle de contaminação respeito ao PIB, 1991-2010.



Fonte: China Environmental Yearbook (1991-2011). (HE; LU et al., 2012, p. 29).

Nós podemos também extrair o cálculo do Índice the Saúde Inclusiva para ver o quadro.

Tabela 1. Desenvolvimento econômico, capital humano e recursos naturais na China, 1990-2010

	1990	2010	Per capita em 1990	Per capita em 2010	% mudança 1990-2010
Capital produzido	1,567,556	11,734,004	1,369	8,748	539
PIB	531,890	3,883,552	464	2,895	523
Saúde	18,571,020	31,969,803	16,216	23,834	47
Capital humano	9,210,965	13,446,810	8,043	10,025	25
Capital natural	7,792,499	6,788,988	6,805	5,061	-26
Recursos renováveis	4,929,045	4,751,033	4,304	3,542	-18
Recursos não renováveis	2,863,453	2,037,955	2,500	1,519	-39
Terra agricultável	3,689,250	3,793,372	3,229	2,828	-12
Recursos florestais	1,230,795	957,661	1,075	714	-34
Combustíveis fósseis	2,723,608	1,937,952	2,378	1,445	-39
Minerais	139,845	100,003	122	75	-39

Fonte: Inclusive Wealth Report 2014: Measuring Progress toward Sustainability, (2014, p. 220-313).

Segundo o *Inclusive Wealth Report 2014* (Informe de Riqueza Inclusiva 2014), entre 1990 e 2010 o crescimento da China em termos do PIB foi de 523%, porém, somente 47% no que se refere à riqueza inclusiva. A taxa de crescimento ajustada pelo IWI para a China foi de - 6.2% no período 1991-1995; -2.0% em 1996-2000; -1.7% para 2001-2005, e -5.2% para 2006-2010.²⁵ Assim, se se toma em conta o custo ambiental do crescimento da China, fica desmistificado seu crescimento espetacular em termos de PIB. O Ministério do Meio Ambiente chinês estima que neutralizar e prevenir a contaminação da água custará dois bilhões de *renminbis* (320 bilhões de dólares estadunidenses) e tardará pelo menos 40 anos. Os especialistas calculam que para remediar a contaminação da água, do ar e dos solos exigirá pelo menos seis bilhões de *renminbis* (USD 960 bilhões) em remédios²⁶.

A contaminação descontrolada da água por indústrias, mineração e produção agrícola é uma manifestação de anarquia mais do que de autocracia. A lógica do “desenvolvimento como verdade básica” saturou todos os níveis. Embora as fontes de água potável continuem escassas, a China segue adiante com sua economia orientada à exportação: sapatos, artigos eletrônicos, hortaliças, frutas... A população chinesa representa 19% da mundial, mas é responsável mundialmente por 67% das hortaliças, 50% carne de porco, 30% de arroz, 50% de maçãs e 40% de laranjas; 80% das estufas do globo se encontram neste país, tudo isso consumindo água. Isto significa que, com suas exportações agrícolas, a China está exportando a baixo preço suas escassas reservas de água (WEN, 2014).

²⁵ Inclusive Wealth Index. Inclusive Wealth Report 2014: Measuring Progress toward Sustainability. Disponível em: <<http://mgiep.unesco.org/wp-content/uploads/2014-WEB.pdf>>.

²⁶ Ou Changmei, reportagem de 4 de março de 2015. Disponível em: <[www.thepaper.cn.http://www.thepaper.cn/newsDetail_forward1307689](http://www.thepaper.cn/http://www.thepaper.cn/newsDetail_forward1307689)>.

Visto assim, o termo “fábrica do mundo” é irônico. Alguns estudiosos chineses críticos deste paradigma de desenvolvimento chamam a China “a fábrica que é propriedade do mundo”. Um terço das emissões de carbono do país provêm de suas exportações líquidas; entre 7% e 14% de suas emissões vêm da manufatura de artigos que se destinam ao mercado norte-americano.²⁷ A retórica fundamental chinesa, em suas negociações sobre câmbio climático, adota a posição de que se trata de um país “em vias de desenvolvimento”: estes países têm o direito de se desenvolver, e o peso de reverter o câmbio climático deveria recair sobre os países desenvolvidos. Dado que as emissões *per capita* da China são apenas a décima parte das norte-americanas, se pergunta, então, porque não permitir desfrutar um estilo de vida semelhante ao do Norte, agora que alguns de nós podemos nos permitir a isso. Trata-se de uma conspiração das potências ocidentais para circunscrever o crescimento econômico chinês... Todos estes raciocínios têm alguma verdade, porém, emanam mais das posições do Estado ou da classe média, do que das classes populares, mais dos que têm interesses industriais do que dos agrícolas. A China é sumamente vulnerável aos efeitos do câmbio climático. As secas no norte e as inundações no sul tem se constituído num padrão predominante desde a década de 1990, afetando diretamente a produção de alimentos e as condições de vida de centenas de milhões de camponeses. Um trabalho de investigação da Academia Chinesa de Ciências estima que, somando os efeitos do aquecimento global, a escassez de água e a redução de terra cultivável, o abastecimento de alimentos do país poderia reduzir-se em 14-23% até o ano 2050.²⁸

A grande transformação da natureza

O paradigma de modernização que persegue a China tem tido como característica privilegiar a indústria sobre a agricultura, o urbano sobre o rural, a classe média sobre a classe popular, portanto, as estatísticas de crescimento e as alocações de recursos estão condicionadas a este paradigma de desenvolvimento.

A “modernização”, como tal, não está em julgamento, justificando o “preço” que há que se pagar. O que fundamenta a fantasia da modernização é a ciência e a tecnologia, que não são apenas progressivas. O que emana desta exploração irracional da natureza é uma arrogância e vaidade emergentes de um impulso antropocêntrico por controle. Existe um autêntico regozijo pelo controle da natureza. A campanha do *Great Leap Forward* (Grande Salto Adiante) de 1958 foi promovida com dois lemas: o primeiro, empenho humano, de modo que o esforço de um dia pudesse equivaler a vinte anos, de tal maneira que a China pudesse alcançar o Reino Unido e os EUA de um só salto; e o segundo, grande transformação da natureza, de modo que as montanhas seriam niveladas, os lagos preenchidos, e a natureza domada e adaptada às necessidades humanas.

A fome, os ressentimentos e os desastres que resultaram desta campanha obrigaram Mao Zedong a retirar-se de sua posição no poder supremo durante sete anos, antes de conseguir seu retorno por meio da Revolução Cultural. A liderança do partido-Estado que o sucedeu não demonstrou que estivesse curada desta enfermidade que o levou a impor a vontade humana sobre a natureza. “Ciência e Tecnologia” dão esta arrogância à imagem de progresso.

²⁷ Wen Jiajun: “Climate change and the absence of climate justice in China”, BCR Magazine, 1 de março 2015.

²⁸ “Water shortage will endanger China’s food security”, Chinese Academy of Sciences, 5 de março, 2009. Disponível em: <http://www.igsnr.ac.cn/kxcb/dlyzykpyd/qybl/200903/t20090305_2114042.html>.

Na China, têm sido postos em marcha muitos megaprojetos, não somente por razões práticas senão também representam um gesto de desafio às restrições da natureza. No que se refere à água, desde a década de 1990 têm sido implementados dois projetos gigantescos e potencialmente catastróficos: o projeto da represa de Três Gargantas e o projeto de desvio de águas do sul ao norte. Os dois se realizam a uma escala nunca vista antes.

A construção de uma represa nas Três Gargantas do rio Yangtsé tem estado na mente de líderes desde Sun Yat Sen nos inícios do século XX. Uma das objeções obedeceu a uma preocupação estratégica em termos de defesa nacional, pelo temor de que uma megarrepresa se transformaria em flanco óbvio para um ataque militar ou terrorista. As consequências seriam devastadoras: a população que vive nas margens do Yangtsé é de cerca de 400 milhões de pessoas, o que equivale, mais ou menos, a um terço da população chinesa. A densidade média da população é de 220 habitantes por km², e chega a 600-900 habitantes por km² em seu curso baixo, e a 4.600 na cidade de Shanghai.²⁹ Apareceram muitas controvérsias entre cientistas e engenheiros sobre os prós e contras do projeto. Quando se votou, finalmente, no Congresso Nacional do Povo (CNP) em abril de 1992,³⁰ a taxa de aprovação foi a mais baixa jamais registrada em toda a história do CNP: dos 2.633 deputados, 67% votou a favor, e 33% contra, mediante a abstenção no voto. A represa de Três Gargantas foi construída para ser a maior do mundo: tem 185 metros de altura e 2,15 km de extensão; o nível da água é de 175 metros e o reservatório da represa tem 600 km de extensão e uma largura média de 1,12 km. Contém 39,3 km³ de água e tem uma superfície total de 1.045 km² (Hui Lau *et al.* 1997). Houve conjecturas sobre se o terremoto de Wenchuan, em 2008, possa ter sido uma consequência da represa das Três Gargantas, ainda que seja difícil provar ou negar “cientificamente” a relação de causa e efeito.

O outro megaprojeto é o Desvio de Águas de Sul a Norte. Está concebido para fornecer águas do sul a algumas regiões do norte do país. A água que se desviará às três direções (oriente, centro e oeste) se prevê em 45 bilhões de metros cúbicos por ano. A rota central tem uma extensão de 1.264 km, e transporta para o norte um terço das águas do rio Han; Beijing e Tianjin receberão um bilhão de metros cúbicos por ano, enquanto que as províncias de Hebei e Henan receberão três bilhões de metros cúbicos por ano, cada uma. Isto constitui um exemplo clássico de como as áreas metropolitanas não são sustentáveis em termos de recursos de água e energia e, em lugar de reduzir a população metropolitana e fomentar a desurbanização, se afirma a suprema vontade humana. Os recursos se mobilizam para os centros de poder para satisfazer suas necessidades. No caso de Beijing, os sete rios dos quais dependia, há apenas meio século, agora estão quase secos, ou tão contaminados que não podem fornecer os 3.6 bilhões de metros cúbicos anuais que consome a cidade. O uso excessivo de água subterrânea tem causado uma diminuição de 12 metros (1999) para 24 metros (2010) na profundidade dos lençóis freáticos de Beijing.³¹ Porém, o grande

²⁹ Comissão de Recursos Hidráulicos de Changjiang, dependente do Ministério de Recursos Hidráulicos da R. P. China. Disponível em: <<http://www.ctgpc.com.cn/sxslsn/>>.

³⁰ Imediatamente depois da repressão ao movimento pró democracia em 1989, quando o dissenso ficou efetivamente silenciado, o projeto da represa de Três Gargantas foi imposto ao Congresso Nacional do Povo em 1992, embora em março-abril de 1989 esse mesmo Congresso tenha decidido postergar a consideração da obra durante cinco anos, em resposta à publicação do livro *Yangtsé, Yangtsé*, em fevereiro de 1989, quando uma quantidade de eminentes intelectuais e cientistas publicamente se pronunciavam contra o projeto.

³¹ “The South-to-North Water Diversion Project will bring huge catastrophes”. Shanshui Xiaoyaoyou, 29 dez. 2014.

questionamento não gira simplesmente em torno do gasto de quase 200 bilhões de yuans (mais de 30 bilhões de dólares estadunidenses) na rota central; o problema é o desprezo pela natureza que conduzirá inevitavelmente a respostas vindas da própria natureza. O desvio de sul a norte deve cruzar 7.000 rios, afluentes e arroios, que fluem em sua maior parte de oeste a leste. Não é difícil imaginar as fraturas e enormes dificuldades de engenharia que acarretará o processo de fazer com que parte das águas passem por cima, por baixo ou através de rios que fluem de oeste a leste. A água passará em um túnel por debaixo do rio Amarillo, enquanto que, em algumas regiões, haverá dutos suspensos no ar, e se esses dutos se romperem em algum ponto, uma avalanche de água inundará a área. Alguns cientistas advertem também que este tipo de transposição causa uma mistura de águas de diferentes rios e contaminações, que poderia ser desastrosa.

Este é outro exemplo de esforços por manter o abastecimento de recursos a Beijing e cidades cosmopolitas, sem levar em conta os enormes transtornos causados no habitat que sustenta a vida de populações rurais e de províncias. Desde que Beijing siga recebendo água, parece que a “sustentabilidade” estaria assegurada, por mais irracional que possa parecer o projeto em termos de custos, falhas tecnológicas, ou transferência de responsabilidades a outros setores. A “sustentabilidade” de Beijing é o ingrediente principal na visão das autoridades do Estado e da classe média urbana, dos níveis mais altos da hierarquia social e política; este tipo de “sustentabilidade” parcial do centro do poder é apresentado como uma “sustentabilidade” universal. A população rural, os marginalizados, e aqueles que não podem pagar o custo de viver na cidade, com sua água de alto preço, nem sequer aparecem neste horizonte. Hurra! Beijing encontra a sustentabilidade na provisão de água e energia... E se o ar contaminado de Beijing é um problema, as indústrias vizinhas deverão ser trasladadas a lugares mais remotos, poupando, assim, mudanças no estilo de vida da classe média da capital, com seus automóveis.³²

Modernização e crescimento a todo custo

O que vemos aqui é que a realidade da crise ecológica é demasiada iminente para que a elite governante ignore. Em resposta, repetidamente, eles recorrem a medidas de gestão, deixando-as nas mãos de especialistas a serviço do *status quo*. E estes especialistas efetuam sua tarefa com uma agenda muito diferente daquela das pessoas afetadas que resistem. Aonde podem nos levar os especialistas, com seus esforços por manter o crescimento, de tal maneira que o desenvolvimento da “prosperidade” não se veja entorpecido? Segundo André Gorz, o abandono do capitalismo ocorrerá um dia ou outro. “O decréscimo é... imprescindível para nossa sobrevivência. Porém, supõe uma economia diferente, um estilo de vida diferente, uma civilização diferente e relações sociais diferentes. Na ausência destas condições, somente seria possível evitar o colapso através de restrições, racionamentos, e uma classe de alocação de recursos típica de uma “economia de guerra” (GORZ, 2010, p. 27).

³² Foi somente durante o período politicamente extraordinário, durante a reunião da APEC, em novembro de 2014, que em Beijing se permitiu aos automóveis circularem somente em dias alternados, conforme as placas terminadas em números pares ou ímpares. Com este recurso, combinado com outras medidas extraordinárias, como a proibição da maioria das atividades de construção ou industriais, se pode conseguir que o céu da capital mostrasse seu “azul APEC”.

No discurso modernizador da China, o “decréscimento” é quase impensável, ainda que seja um fato inegável que o chamado “crescimento”, segundo a Reforma nos últimos 35 anos, tem gerado graves injustiças econômicas e sociais e incorrido na devastação ambiental que tem deixado em estado de vulnerabilidade grandes setores da população. Ao mesmo tempo que mina as condições básicas para a qualidade de vida da maioria. As catástrofes ecológicas geradas pelo ser humano poderiam apagar em um momento os “benefícios” destas poucas décadas do chamado “progresso”.

Entretanto, o paradigma da modernização tem passado intocável no discurso da elite governante e dos intelectuais sistêmicos. Algumas afirmações demasiado utilizadas são, por exemplo: a China deve elevar-se acima da sua humilhação pelas potências imperialistas; sua única salvação reside em movimentos de autofortalecimento que se iniciaram no final do século XIX, inequivocadamente articulados durante o movimento de 4 de maio de 1919, sob a bandeira de “Pela ciência e pela democracia”, e continuados na prática, depois de 1949, através de um caminho modernizador em paralelo como Ocidente. Depois de um século, o lançamento, em 2007, do satélite lunar Chang’E1 e da realização dos Jogos Olímpicos de 2008, foram aplaudidos como retorno triunfal do poderio chinês: o dragão adormecido acordou. O Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, lançado em outubro de 2014, rivaliza com o Banco Mundial, com o Fundo Monetário Internacional e com o Banco de Desenvolvimento da Ásia. Desgraçadamente, “ser uma potência forte”, ou “voltar a ser uma potência forte”³³ segue o mesmo paradigma de desenvolvimento das potências ocidentais, como ponto de referência quase único e única via para a construção da nação chinesa.

Neste sentido, sem importar a natureza que o regime do partido-Estado diz que caracteriza a sociedade e a economia chinesas de hoje – oficialmente, desde junho de 1981, a China se encontra na “etapa preliminar do socialismo” que durará um tempo grande³⁴ – a “saída” do capitalismo e um programa para evitar o colapso não se encontram na agenda. Assim, encontramos na China uma situação semelhante à que se referia C. A. Bowers, na qual “[...] o que parece ser um acontecimento de progresso pode conduzir a consequências destrutivas que, por regra geral, passam inadvertidas” (BOWERS, 2001). Para que possamos entender

³³ Antes da agressão imperialista à China, o comércio do país representava um terço do comércio global. Os britânicos trataram de compensar o desequilíbrio comercial substituindo ópio por prata. O comércio de ópio para a Grã-Bretanha, entre 1821 e 1840, tinha um valor de cerca de 100 milhões de yuanes, equivalentes a 20% da existência desta divisa nesse momento, e 10% dos ingressos brutos da dinastia Manchú (Liu Huijun: “Opium trade and the outbreak of the Opium War”, 9 novembro, 2009, Disponível em: <http://blog.sina.com.cn/s/blog_3f448faa0100fvoi.html>). Quando a dinastia Manchú se mostrou decidida a eliminar o ópio, a Grã-Bretanha foi à guerra com a China. Este país perdeu a Guerra do Ópio e cedeu Hong Kong aos britânicos em 1842. Em 1901, a invasão conjunta de oito potências imperialistas não somente saqueou os palácios de Beijing – resultando que muitos tesouros se encontram agora no British Museu e outros lugares – senão que, também a China foi obrigada a pagar uma indenização de guerra às oito nações da Aliança (Alemanha, Estados Unidos, França, Hungria, Itália, Japão, Reino Unido e Rússia), equivalente a um *tael* (medida chinesa, de aproximadamente 38 gramas) de prata por cada membro de sua população, o qual somava cerca de 450 milhões de *taeles* de prata fina (equivalente a 333 milhões de dólares estadunidenses), pagos ao longo de 39 anos segundo uma escala ascendente com um encargo de 4% de juros. Depois de 39 anos, a quantidade total paga chegou a quase um bilhão de *taeles*, ou 37.000 toneladas de prata pura. A decisão de impor a indenização sobre uma base *per capita* foi um insulto deliberado que não foi menos danoso que a rapina material. Veja-se: Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Boxer_Protocol> .

³⁴ “Resoluções sobre várias questões da história do Partido desde a fundação da República Popular China”, adotadas na Sexta Sessão Plenária do XI Comitê Central do Partido Comunista Chinês.

como as consequências negativas do desenvolvimento na China, tais como as que se detalham neste trabalho, “por regra geral passam inadvertidas” desde a posição de sujeito da elite governante, temos que examinar a fundo a formação da subjetividade, que vai muito mais além da questão de saber o que antes não se sabia, que poderia requerer simplesmente um nível de aprendizagem racional que tome em conta o que não tem sido incluído em nossa consideração. Isto não requer nenhuma mudança de convicções nem atitudes, nem a transformação da configuração ou limites da própria subjetividade mais ou menos estabelecida. Nas palavras de Gregory Bateson, trata-se de mudar as regras inconscientes que governam as maneiras com que nos relacionamos com outros e com o próprio eu, criticando a formação de regras não coercitivas que governam nossa maneira de pensar, ver e experimentar, ademais de facilitar a violação de tais regras e da configuração de outras novas (BATESON, 2000). A transformação radical deve ocupar-se do que Felix Guattari (2000) chama de três ecologias: não somente a ecologia do social e a da natureza, senão também a ecologia do eu.

Para aqueles que estão identificados com a posição de sujeito da elite governante, a China se vê obrigada a modernizar-se para proteger seu orgulho e soberania; entretanto, a modernização forçada do país não é simplesmente uma cura com efeitos secundários, altamente destrutivos. É destrutiva de uma tal maneira que as pessoas obrigadas a adotá-la ficam totalmente inconscientes de sua força destrutiva, ao serem despojadas de qualquer outro ponto de vista que não sejam os apropriados pelas forças dominantes da modernização e do capitalismo.

Certamente, os aspectos mais perigosos da modernização na China, hoje, deveriam ser suficientemente óbvios para qualquer um que tenha a vocação de afrontá-los. Mas aqueles que estão tão identificados com os critérios, normas e valores do discurso do desenvolvimentismo deixam que sua capacidade para a experiência e a imaginação fique subjugada por noções de modernidade e progresso linear, do poder benévolo da ciência e da tecnologia, e das noções monetarizadas de “riqueza” e “pobreza”. No paradigma chinês de desenvolvimento para o crescimento e para a mercantilização, a “riqueza” vai se transformando, cada vez mais, num termo monetário, e o fator determinante da pobreza é o dinheiro. A mercantilização põe em seu centro a medição das relações em termos de dinheiro, que é o “deus” que gera a pobreza. Os mercados determinados pelas relações capitalistas somente podem prosperar sobre a base da polarização, dos vários meios de privação e marginalização. As polarizações sociais e as desigualdades têm sido incrementadas na China, de maneira concorrente com o “crescimento” e com a “redução da pobreza”. Dado que a mercantilização é a força impulsora da modernização e do desenvolvimento do país, quanto mais “crescimento” haja, mais aumentarão a injustiça socioeconômica e a injustiça ecológica.

Antônio Negri e Michael Hardt argumentam que “[...] a modernidade deve ser entendida como uma relação de poder: dominação e resistência, soberania e luta pela liberação” (NEGRI; HARDT, 2009, p. 67). Seguem asseverando que “[...] o projeto de modernidade e de modernização se transformou em elemento-chave para o controle e repressão das forças da antimodernidade que emergiram nas lutas revolucionárias. Os conceitos de “desenvolvimento nacional” e de “[...] estado da população inteira”, que constantemente ofereciam uma promessa ilusória para o futuro... serviram simplesmente para legitimar as hierarquias globais existentes” (NEGRI; HARDT, 2009, p. 92). Certamente, observam que “[...] o ‘socialismo

realmente existente' mostrou-se ser uma poderosa máquina de acumulação primitiva e desenvolvimento econômico" (NEGRI; HARDT, 2009, p. 93).

Não é acidental que a elite governante na China sucumba ante a ideologia desenvolvimentista de busca de "crescimento" e de "desenvolvimento"; a aspiração de modernizar ao estilo do "Ocidente" lhes brinda poderosos instrumentos para estabelecer estruturas hierárquicas dedicadas a guiar a manutenção e produção de disparidades, privilégios, e de um sistema de inclusão e exclusão. As forças do Estado e do capital que se beneficiam e defendem tal paradigma de desenvolvimento por todos os meios, são blocos substanciais de poder com interesses criados: o regime de partido-Estado que retém sua legitimidade para governar através do desenvolvimento econômico contínuo; os novos ricos que exercem seu poder político monopólico na apropriação de propriedades públicas e do Estado; o capital estatal e privado na China e o capital global financeiro fazendo parcerias e entrando em alianças e conflitos entre eles... As maneiras pelas quais o capital financeiro tem permeado a economia chinesa e criado o caos merecem um exame e análise minuciosos, porém, isto não pode ser feito neste trabalho.³⁵

Articulando a justiça socioeconômica com a justiça ecológica

Neste trabalho, eu insisto para tomar a sério a dimensão cultural que, em lugar de ser relegada ao nível de "superestrutura" ou ser considerada como de importância secundária/complementária, é parte essencial do paradigma desenvolvimentista. Deve-se lutar por uma mudança radical nas percepções, valores e preferências da maioria da população para poder alcançar uma reversão significativa da atual trajetória desenvolvimentista. A maior parte das pessoas apoiaria a "ideia" de "sustentabilidade" porque esta palavra-lema está muito em moda nos meios massivos, na educação escolar e nos discursos governamentais ou das Nações Unidas. As questões que temos que indagar aqui são: Como esse termo é tão bem aceito, porém, se presta tão pouca atenção a ele? Como podemos conseguir que as majorias vejam de quem o do os interesses das minorias tomaram o lugar dos seus, numa interpretação hegemônica do que significa "sustentabilidade" em nossa vida política e social, de tal maneira que o conceito ficasse vazio de "justiça"? Como se pode convencer as pessoas a que lutem por um paradigma de sustentabilidade com justiça, entendendo que ambos os conceitos são interdependentes? Como se pode desmercantilizar as relações entre humanos, e as dos humanos com a natureza? *Under the Dome -Sob a redoma* foi visto por 200 milhões de pessoas na China. Como pode este espetáculo passar de fofoca midiática ou sensação de alarme da classe média, e ser tomado como ímpeto para um movimento radical pela justiça ecológica e socioeconômica?

Em debates celebrados entre intelectuais progressistas na China, em minha opinião, a principal questão conceitual referente à modernização segue sendo abordada de maneira inapropriada. Os males da modernização podem ser estimados: responde à lógica de uma minoria de elite que saqueia a maioria, tanto dentro das nações quanto entre elas; é selvageria

³⁵ Uma excelente revisão das oito crises do desenvolvimento econômico da China nas seis décadas da República Popular, tem sido feita por Wen Tiejun (2013). Uma avaliação da China como país emergente, comparado com outras seis nações emergentes, é um projeto em que tenho participado e que será descrito em um livro futuro, com versões em chinês e inglês. Para informes de investigações vinculadas com este tema, veja-se: <<http://www.emergingcountries.org>>.

vestida com um civilizado terno e gravata; está levando a espécie humana, junto como planeta Terra, a uma destruição iminente. Entretanto, a modernização segue sendo aceita como um mal necessário. Talvez seja uma formulação marxista de uma “revolução em etapas”, na qual, somente atravessando a fase capitalista, poderão encontrar-se as bases para o socialismo e para o comunismo; ou uma concepção nacionalista segundo a qual somente por meio da modernização a China poderá ser suficientemente poderosa como Estado-nação e poderá rivalizar com as potências imperialistas; ou uma elucubração darwinista no sentido de que, quanto mais se atrasa um, tanto mais o exploram, razão pela qual a China tem que acelerar sua modernização para poder ascender na cadeia. E “mais tarde” se poderia chegar a uma formulação utópica: quando a China tiver se modernizado até certo ponto, poderá evoluir para uma altermodernidade, ou inclusive, para uma antimodernidade.

Este trabalho, entretanto, mostra como a China se encontra profundamente presa no perigoso lodo das injustiças socioeconômicas e ecológicas em seu caminho para a modernização. O que o país enfrenta não é a questão de obter mais progresso ou mais crescimento, senão as múltiplas tarefas de reverter graves danos que já foram feitos à sua ecologia, sua sociedade e sua cultura. Urge formas alternativas de ler a história e conceitualizar a sustentabilidade. Tenho encontrado algumas formulações teóricas e experiências sobre o comum e a comunidade que têm sido muito úteis para repensar a trajetória deste país, e espero introduzir alguns destes debates na China.

Sobre a questão de articular a justiça ecológica com a socioeconômica, C. A. Bowers (2001) oferece pontos de vista esclarecedores. Alinhado com a crítica de Frederique Appfel-Marglin à modernidade, apresentada em *The Spirit of Regeneration* (O espírito de regeneração, Appfel-Marglin, 1998), Bowers centra sua crítica na esquerda progressista por aceitar acriticamente a herança do Iluminismo, deixando-se capturar pelo antropocentrismo, pelo eurocentrismo, pelo racionalismo e pelo racismo da modernidade, pela força impulsora detrás do imperialismo, da colonização e da modernização. O êxito e a evolução da razão científica permitem a construção do “Homem” que toma o lugar de Deus para ser colocado no centro do mundo (humanizado), inscrito nas modalidades binárias de pensamento. Michel de Certeau (1986) assinala em *The Politics of Silence* (A política do silêncio) que o ataque destrutivo do desenvolvimento moderno tem raízes culturais profundas na divisão entre sujeito e objeto que permitem que, tanto a natureza quanto os seres humanos, sejam considerados como recursos e disponíveis para uma exploração ideal diante da decadência da influência reguladora da ética e da religião sobre a razão científica. Portanto, para Bowers, “desenvolvimento” e “progresso” não podem ser aceitos sem questionamentos, como a direção incontrolável que deve seguir a humanidade. A crise ecológica resultante estará, seguramente, vinculada de maneira direta à intensa transformação tecnocientífica a que se está submetendo a Terra, para que o capitalismo possa “prosperar” em todos os rincões do mundo. Porém, isto não pode ser considerado simplesmente como um testemunho da estupidez do “Homem”, porque não todos os “homens” são iguais, e os danos e sofrimentos causados pela destruição ecológica nunca afetam por igual a todas as pessoas, seja porque se trata de danos à natureza, de elementos tóxicos gerados pela produção industrial, seja pela privação de grupos de pessoas do acesso a terra e moradia para dar lugar para megatecnologias que asseguram servir à humanidade, mas que, na realidade, produzem e pressupõem condições para centralizar o poder e o dinheiro em poucas mãos.

Portanto, a destruição ecológica causada pela modernização não se trata simplesmente de maus-tratos à natureza. É, sem dúvida, uma questão política de colocar o custo social do desenvolvimento naqueles que não têm força suficiente para se proteger, de destruição de culturas e comunidades através do desenvolvimento moderno e de educação em nome de sua capacitação e sua integração ao mundo moderno enquanto, na realidade, erradicam qualquer defesa possível contra a mercantilização rampante. Portanto, a justiça ecológica, como a entende Bowers, exige que a questão da justiça social deveria levar em consideração a destruição ecológica da natureza, do habitat e dos meios de vida. Não se trata simplesmente da questão da sustentabilidade futura da humanidade, mas, muito mais importante, trata-se da intenção de não destruir a base, os conhecimentos e as habilidades necessários para que as comunidades organizem sua interdependência para transformá-la em cooperação produtiva e criativa, em automejoramento na geração de autonomia e do comunitário (comuns).

Sobre a questão do comum, Negri e Hardt oferecem uma interessante releitura de Marx. Ao citar Marx, em sua resposta à pergunta sobre se havia que desenvolver o capitalismo na Rússia antes que pudesse se iniciar a luta pelo comunismo, ou se a base para o comunismo já estava ali, na comuna camponesa, Negri e Hardt citaram a resposta seguinte de Marx: “Temos que descer da teoria pura à realidade russa” (NEGRI; HARDT, 2009, p. 88). Marx assinala que “[...] a necessidade histórica da destruição da propriedade comunal na Europa Ocidental... não é... uma história universal que se aplica imediatamente à Rússia e a qualquer outra parte”. No caso da Rússia,

“[...] a tarefa da revolução é por um basta aos desenvolvimentos ‘progressivos’ do capital que ameaçam a comuna russa... e (concentrar) todas suas forças de maneira a permitir à comuna rural toda sua amplitude, (então) esta última se desenvolverá logo como elemento de regeneração da sociedade russa e um elemento de superioridade sobre os países escravizados pelo sistema capitalista” (NEGRI; HARDT, 2009, p. 88-89).

De acordo com a leitura de Negri e Hardt, neste ponto, Marx acerta com uma intuição, mas não consegue articulá-la. Quer dizer, “[...] as formas revolucionárias da antimodernidade estão firmemente afirmadas no comum” (NEGRI; HARDT, 2009, p. 89). Em relação a isto, Negri e Hardt citam a observação de José Carlos Mariátegui, depois de haver viajado a Europa e haver estudado os movimentos socialistas e comunistas ali. Ao regressar a seu nativo Peru, Mariátegui conclui que, assim como “[...] as comunidades camponesas pré-revolucionárias russas que interessavam a Marx [...]”, as comunidades indígenas andinas “[...] defendem e preservam o acesso comum à terra, às formas comuns de trabalho e à organização social comunal [...]”, de tal maneira que “[...] o indígena... apesar de cenarios de legislação republicana, não se transformou em individualista, mas resiste em suas comunidades sobre a base do bem comum” (NEGRI; HARDT, 2009, p. 89).

Assim, o ímpeto antimodernista emerge desde baixo, de iniciativas e resistências dos subalternos, defendendo o bem comum para sobreviver, para assegurar a sobrevivência e os vínculos comunitários. A visão de Mahatma Gandhi, de um futuro não violento para a Índia, foi de uma confederação de cada povo como uma república, autossuficiente na produção de alimentos, vestimentas, necessidades cotidianas, arte e educação.³⁶ Suas ideias foram

³⁶ Disponível em: <<http://www.mkgandhi.org/indiadreams/chap24.htm>>.

rechaçadas na prática por Jawaharlal Nehru e outros nacionalistas indianos como antimodernas, porém, a formulação que inclui as comunidades dos povos como as entidades primárias no social, no econômico, no político e no cultural, administrando e vivendo em comum, oferece uma alternativa à organização do moderno estado-nação. Hoje, na Índia, o movimento da Ciência do Povo tem adotado a herança de Gandhi e Marx ao assinalar que a busca de sustentabilidade não pode se reduzir a uma questão de inovações tecnológicas; a ciência e a tecnologia, tal como se pratica hoje em dia, não podem vir em nosso resgate, porque a sustentabilidade implica no surgimento de uma altermodernidade diferente do modelo ocidental dominante de modernização, feito possível por uma ciência e tecnologia sob o mando do capital. M. P. Parameswaran, um dos líderes da *All India People's Science Network* (Rede de Ciência do Povo da Índia), propõe a ideia de um “Quarto Mundo”, que seria uma rede de centenas de milhares de comunidades locais que se estão tornando cada vez mais autossuficientes³⁷ (PARAMESWARAN, 2015). Na prática, o movimento da Ciência do Povo tem mobilizado dezenas de milhares de voluntários para um trabalho sustentável feito durante décadas nos povoados, como objetivo de melhorar a capacidade de sua autossuficiência da vida cultural econômica das comunidades. É fácil imaginar as dificuldades com as quais se enfrentam por irem contra a corrente da “modernidade”, mas também têm contribuído com alguns grandes experimentos, como a Campanha de Planificação dos Povos, em Kerala, Índia (PARAMESWARAN, 2008).

Também tenho me sentido muito inspirada por duas práticas significativas em favor da sustentabilidade, baseadas nas tradições e na sabedoria de comunidades indígenas: as dos Aimara, no Peru e dos zapatistas no México (DAI; LAU, 2006). Em nenhum dos dois casos se aspira à condição de Estado. Exigem e praticam governança pelas comunidades locais. Demonstram auto-organização e cooperação, que evoluem no processo de viver em comunidade como parte do habitat no, e através do qual obtêm seus meios de subsistência, e junto com o qual mantêm o equilíbrio ecológico. Seu conceito de comum (comuns) abarca todos os meios de vida em seu conjunto, desafiando qualquer redução dos reclamos de propriedade, seja esta privada ou pública.

Os meios para viver em comunidade não se referem somente aos chamados “recursos naturais” como água, terra e ar; conhecimentos, idiomas, relações sociais, afetos, culturas, crenças, costumes etc., que evoluem nos processos de auto-organização e cooperação, que também são meios necessários para viver em comunidade. Todos são definidos pela natureza do que é comum, não estão concebidos para ser propriedade, nem privada nem pública, senão para serem compartilhados. Eles “vem a ser” e mudam no decurso das coisas dentro e através da partilha, onde está o seu poder criativo em responder ao chamado e à demanda do ambiente em constante mudança no qual as pessoas coabitam.

Na China, os movimentos e as lutas pela justiça socioeconômica e ecológica exigem a participação ativa das pessoas, não como indivíduos, mas como comunidades. Nas últimas duas décadas, tem-se produzido iniciativas dos povos para contrapor os efeitos adversos do desenvolvimentismo e da mercantilização, e há cooperativas de campones e sauto-

³⁷ M. P. Parameswaran, físico, marxista, gandhiano e ambientalista, propõe este conceito baseado em sua crítica à URSS como “Estado pós capitalista”. Foi expulso oficialmente do Partido Comunista da Índia (marxista) em 2004, por esta formulação heterodoxa.

organizadas, troca local de produtos alimentícios orgânicos, agricultura sustentável desenvolvida pela comunidade, campanhas pela segurança alimentar, integração rural-urbana, e esforços de proteção ambiental (WONG; SIT, 2015). Os movimentos de reconstrução rural que se iniciaram há uns quinze anos têm envolvido milhares de pessoas, especialmente das gerações jovens (WEN; LAU, 2012).³⁸ Estes esforços, entretanto, resultarão inadequados se não puderem ser articulados na agenda pela justiça ecológica com justiça socioeconômica.

As iniciativas na China podem aprender muito, mediante a interação com grupos, tais como o *Commons Strategies Group* (Grupo para Estratégias do Comun) em sua busca de uma mudança de paradigma para o comum (BOLLIER; HELFRICH, 2012) ou com os movimentos pela soberania alimentar ao redor do mundo (HERRERA; LAU, 2015).

Meus tomates estão limpos

Esse é o quarto aniversário da catástrofe de Fukushima em 11 de março de 2011, e o 29º aniversário da de Chernobyl. Estes incidentes traumáticos pedem, a gritos, justiça socioeconômica e ecológica. No Japão, depois do 11 de março, entrevistei alguns camponeses em Fukushima que haviam sido desalojados de seus lares. Disseram que a TEPCO havia dado a seu povo alguns fundos para financiar festivais tradicionais e para infraestrutura de rodovias, e havia prometido que a tecnologiadas empresas nucleares japonesas era a mais avançada do mundo.³⁹

Se tivessem podido prever a catástrofe que agora os faz refugiados sem lar e que contaminou suas terras por milênios vindouros, teriam permanecido firmes contra a construção da empresa nucleoeleétrica de Daiichi. Com efeito, faltava uma catástrofe para que a opinião pública mudasse. Mais de 70% do povo japonês se opõe, na atualidade, à energia nuclear.⁴⁰ Entretanto, esta catástrofe não é suficiente para que o público vote contra o governo de Shinzo Abe, que é favorável à energia nuclear, porém, que promete uma “Abeconomia”⁴¹ baseada numa estratégia de crescimento. Na China, no quinto dia depois do acidente de Fukushima, Wenjiabao, o então primeiro ministro chinês, ordenou uma revisão geral de todas as usinas nucleares no país, e uma moratória nas autorizações para construir novas até que se formulasse o “Plano para a Segurança Nuclear”. Mas, e agora?

Os cientistas chineses têm advertido sobre os múltiplos riscos envolvidos no desenvolvimento da energia nuclear: as usinas nucleoeletricas mediterrâneas correm o risco de fundir-se no

³⁸ Este trabalho, do qual sou coautora, revisa um movimento de juventude urbana chinesa que voluntariamente foi ao campo ou se dedicou à agricultura orgânica na última década.

³⁹ TEPCO é a sigla da *Tokyo Electric Power Company*, que é a maior companhia de geração elétrica do Japão, e a quarta maior do mundo. Em julho de 2012, TEPCO recebeu um bilhão de yenes do governo japonês, para administrar os danos gerados pelo evento de Fukushima, ficando em grande parte nacionalizada.

⁴⁰ Uma pesquisa publicada em junho de 2012 pelo *Pew Research Center*, baseado em Washington, mostrou que 70% da população japonesa consultada queria que a energia nuclear fosse reduzida ou eliminada, e 80% se manifestou desconfiada de que o governo pudesse administrar apropriadamente a indústria nuclear e, por sua vez, ser franco em assuntos referentes à segurança e às preocupações ambientais. *Los Angeles Times*, 15 junho, 2012.

⁴¹ Se refere às políticas econômicas de Shinzo Abe desde dezembro de 2012 (seu segundo período como primeiro ministro do Japão) que se baseiam em 3 pilares: estímulos fiscais, reformas estruturais e alívio monetário.

caso de que lhes falte água para refrigeração, mas precisamente a maior parte das usinas em construção são mediterrâneas; 22 usinas em construção se encontram nas margens do rio Yangtsé, e correm o risco de contaminar suas águas; o combustível gasto somará 10.000 toneladas até 2020, porém a capacidade chinesa para transportar este combustível representa apenas 16% da demanda; o transporte de longa distância do combustível gasto desde a costa leste até o noroeste do país acarreta riscos de acidentes; a armazenagem de dejetos nucleares é sumamente inadequado e custoso. Ademais, não é menos grave que a China tenha experimentado mais de 800 terremotos de nível 6 ou mais, desde o ano 1900 e, ainda que ocupe 7% do território global, padece 33% dos terremotos em terra firme.⁴² Apesar de todas estas advertências, hoje funcionam 21 usinas nucleoeletricas no país, e outras 27 estão em construção.

A China ocupa o primeiro lugar mundial em quantidade de usinas nucleoeletricas em construção, com uma terceira parte do total.⁴³ Novamente, um primeiro lugar que insufla o ego.

Oh! Quando aprenderão?

Meus tomates estão limpos.

Oh! Quando aprenderão?

Meus tomates estão limpos.

sombra” (shadow banking), não reguladas, e a dívida de muitos governos locais era provavelmente insustentável.⁴⁴

Resulta, portanto preocupante que, enquanto o cantante campesino opta por se desvincular de toda a voracidade, luxúria, sujeira e vileza do mundo cosmopolita, e aspira somente a cultivar tomates limpos, seu mundo não é imune à agressão do capitalismo financeiro, sobretudo, daquele que potencialmente possa ser transformado em ouro reluzente. Durante mais de três décadas o trabalho dos campesinos migrantes tem sido explorado. Com a morte eminente do setor manufatureiro e sendo mínimos os benefícios a partir da exploração do trabalho físico, o capital financeiro especulativo por natureza tem florescido na última década no desenvolvimento de propriedades urbanas, e tem em mira o último bastião dos benefícios populares, a partir da revolução de 1949: as terras rurais. A terra rural, com certas diferenças entre os lotes residenciais e as terras de cultivo, começa gradualmente a abrir-se à “circulação” (um eufemismo que significa “transação”). Em 2008, um documento de política legitimou formalmente o direito de circulação e operação da terra rural.⁴⁵ Em 2014, outro documento de política permitiu a hipoteca dos lotes residenciais rurais.⁴⁶ Mudanças de política tão importantes terão impactos sérios nos direitos sobre, e no, acesso dos campesinos chineses à

⁴² Wang Yinan. “Why I do not agree to restarting inland nuclear power”. China Economic Weekly, 4 agosto 2014. Disponível em: <<http://www.ceweekly.cn/2014/0804/88964.shtml>>.

⁴³ *People's Daily*, 5 de dezembro, 2014.

⁴⁴ McKinsey Global Institute: Debt and (not much) Deleveraging, Third report, febrero 2015, p. 8. Disponível em: <http://www.mckinsey.com/insights/economic_studies/debt_and_not_much_deleveraging>.

⁴⁵ Decisão sobre Questões Maiores Vinculadas com a Promoção da Reforma dos Desenvolvimentos Rurais, do Comité Central do PCCh, 2008.

⁴⁶ “Opiniões sobre o Aprofundamento Amplo da Reforma para Acelerar a Modernização Agrícola”, n. 1, Documento de 2014.

terra. Até agora, o direito de usar a terra tem estado sob a soberania da comunidade dos assentamentos rurais. Os trabalhadores camponeses migrantes, explorados pela privatização legal e pelo capitalismo, fartos de falsas promessas sobre a ajuda solidária dos novos ricos àqueles que ficaram abaixo, talvez queiram regressar à modalidade de subsistência de seus pais e avós. Porém, terão ainda direito a um pequeno lote no qual cultivar tomates limpos?

Tenho um pequeno lote para cultivar hortaliças

Os que regressarem, se certamente rechaçam as tentações e oportunidades que o entorno urbano oferece e tomarem a decisão de regressar ao campo, terão que enfrentar não somente o assunto do acesso a terras de cultivo, senão, também, uma questão maior que espreita a sustentabilidade na China: se, literalmente, os tomates poderão estar limpos de contaminação (ademais de ser metaforicamente limpos de corrupção).

Referências

APFFEL-MARGLIN, Frederique with PRATEC. **The spirit of regeneration**. Londres: Zed, 1998.

BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: Universidade de Chicago, 2000.

BOLLIER, David; HELFRICH, Silke (eds.). **The Wealth of the Commons: a world beyond Market and State**. Amherst: Levellers, 2012.

BOWERS, C. A. **Educating for eco-justice and community**. Atenas: Universidade de Georgia Press, 2001.

BRECHT, Bertolt. **Saint Joan of the Stockyards**. [S.l.], 1931.

DAI, Jinhua; LAU, Kin Chi (Eds.). **The Knight in The Mask: Collection of writings of Sub-Commander Marcos**. Shanghai: Shanghai Peoples Press (em chinês), 2006.

DOSSIER DOSSIER INTERdisciplina class politics and the politics of dignity of the New Poor. **Open Times**, n. 6 (en chino), 2014.

CERTEAU, Michel de. The politics of silence. In: **HETEROLOGIES: Discourse on the Other**. Manchester: Universidade de Minnesota, 1986.

FENG, Tongqing. **The destiny of Chinese workers: consequences of group social acts**. Editado por Kin Chi e Huang Ping. **China Reflected (ARENA)**, p. 183-210, 2003.

GORZ, Andre. **Ecologica**. Londres: Seagull, 2010.

GUATTARI, Félix. **The three ecologies**. Londres: Athlone, 2000.

HE, et al. Changes and challenges: China's environmental management in transition. **Environmental Development**, n. 3, p. 25-38, 2012.

HERRERA, Remy; LAU Kin Chi (Eds.). **The struggle for food sovereignty**: alternative development and the renewal of peasant societies today. Londres: Pluto, 2015.

HUI, Po Keung et al. Three Gorges Dam: case study. In: THE DISPOSSESSED: Victims of Development in Asia. Hong Kong: ARENA, 1997. p. 37-44.

KONG, Xiangzhi; A. He. The contribution of peasants to nation building in the first 60 years of the People's Republic of China. **Teaching and Research**, n. 9, 2009.

LAU, Kin Chi; SHIU, LunHui (Eds.). **Subaltern studies**. Beijing: CCTP, 2005.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Commonwealth**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2009.

PARAMESWARAN, M. P. **Along memory lane**. Hong Kong: Global U, 2015 (no prelo).

PARAMESWARAN, M. P. **Democracy by the people**: the Elusive Kerala Experience. Bhopal: Alternatives Asia, 2008.

SPIVAK, Gayatri. Can the subaltern speak?. In: MARXISM AND THE INTERPRETATION OF CULTURE. Basingstoke: Macmillan Education, 1988.

WANG, Hui. The 1989 social movement and the historical origins of neo-liberalism in China. En *China Reflected*, editado por Lau Kin Chi y Huang Ping, 211-223. Hong Kong: ARENA, 2003.

WANG, Hui. Two kinds of New Poor and their future: the decline and re-shaping of 120. v. 3, n. 7, sep./dic.2015.

WEN, Tiejun. How China's migrant labour is becoming the new proletariat. In: BIELER, Andreas; LINDBERG, Ingemar; PILLAY, Devan (Eds.). **Labour and the challenges of globalization**. London: Pluto, 2008.

XIE, Yu y Xiang Zhou. «Income Inequality in Today's China.» **PNAS** **111**, n. 19, 2014. Available in: <<http://www.pnas.org/content/111/19/6928.full>>. (en chino).

LAU Kin Chi

Professora associada do Departamento de Estudos Culturais da Universidade Lingnan (LU, China). Fundadora da Global University for Sustainability.
